

# NÓS E ELES: A NORMALIZAÇÃO DO RACISMO E DOS ESTEREÓTIPOS RACIAIS NAS REDES SOCIAIS

Bruna Kauane Bento Santos<sup>1</sup>, Damille Bacelar do Rosário<sup>2</sup>, Elaine Cardozo Dantas<sup>3</sup>, Felipe Silva Sales<sup>4</sup>, Gabriela Viana Santos<sup>5</sup>, Gidoana dos Santos Silva<sup>6</sup>, Gislaine Santos Teixeira<sup>7</sup>, Kemilly Larissa Silva Rodrigues de Souza<sup>8</sup>, Maiara Silva de Paula<sup>9</sup>, Raiane Da Cruz Moreira<sup>10</sup>, Stefany Silva Santos<sup>11</sup>, Vivian Moraes Souza<sup>12</sup>– Faculdade Ages de Jacobina - AGES – Jacobina/BA – Brasil  
Railma Valéria Dantas Pereira<sup>13</sup> - Professor (a) Faculdade Ages de Jacobina – Jacobina/Ba – Brasil

## INTRODUÇÃO

A Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel (1982), aponta que os indivíduos tendem a favorecer o grupo ao qual pertencem (“nós”) e a desvalorizar os demais (“eles”). No ambiente virtual, essa dinâmica é intensificada, uma vez que curtidas, compartilhamentos e algoritmos reforçam a aprovação social do grupo dominante, legitimando discursos preconceituosos e a disseminação de microagressões contra minorias raciais. As redes sociais, ao priorizarem conteúdos semelhantes, acabam por criar comunidades homogêneas, nas quais circulam ideias e crenças convergentes, fortalecendo a visibilidade e o poder simbólico dos endogrupos. Dessa forma, a noção de comparação social proposta por Tajfel contribui para compreender como o ciberespaço se configura como um território de exclusão simbólica e de manutenção de estereótipos, reproduzindo, em novas formas, antigas desigualdades sociais.

## MÉTODOS

O estudo fundamentou-se no método de análise documental, com o objetivo de compreender como os discursos presentes nas redes sociais contribuem para a disseminação de estereótipos e preconceitos raciais. Conforme aponta Cellard (2008), esse método possibilita interpretar o contexto histórico e social no qual os registros são produzidos, configurando-se como uma técnica essencial na pesquisa qualitativa. A coleta e seleção dos materiais foram realizadas manualmente pelos integrantes do grupo, a partir de artigos acadêmicos, produções digitais e textos institucionais provenientes de fontes reconhecidas, o que garantiu a confiabilidade e validade das informações. O referencial teórico apoiou-se nas contribuições de Henri Tajfel e John Turner (Teoria da Identidade Social), Gordon Allport (estudos sobre o preconceito), Tarcízio Silva (racismo algorítmico) e Serge Moscovici (Teoria das Representações Sociais e das Minorias Ativas).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mídias sociais configuram-se como espaços de reprodução de preconceitos raciais e estereótipos, semelhantes aos que ocorrem em contextos presenciais. Embora aparentem promover igualdade e liberdade de expressão, sob a ótica da Psicologia Social, funcionam como territórios de legitimação de discursos discriminatórios, sustentados por processos psicossociais que moldam o comportamento coletivo e a percepção social. De acordo com a Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel (1982), o autoconceito e o pertencimento grupal influenciam diretamente atitudes e interações. No ambiente virtual, essa dinâmica manifesta-se por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários que reforçam discursos dominantes e, muitas vezes, preconceituosos (Paulo et al., 2025). A comparação social, elemento central da teoria, distingue o “nós” do “eles” e sustenta hierarquias simbólicas nas quais grupos majoritários propagam narrativas que desvalorizam minorias étnico-raciais (Freitas et al., 2023).

A categorização social, também descrita por Tajfel, simplifica a realidade, mas favorece a construção de estereótipos negativos sobre grupos externos (Allport, 1954). Para Torres e Neiva (2011), a diferença é interpretada como defeito, e o preconceito orienta ações discriminatórias daqueles que detêm poder. Nesse sentido, o preconceito racial constitui-se como fenômeno histórico e multidimensional, manifestando-se em níveis individuais, culturais e institucionais. Allport (1954) o define como uma atitude hostil e inflexível, baseada em generalizações sem análise consciente, o que ajuda a compreender as redes sociais como novos espaços de propagação de preconceitos, onde atitudes discriminatórias se disfarçam sob a aparência de neutralidade comunicativa. Conforme Silva (2020), o preconceito manifesta-se nas

redes por microagressões sutis, como piadas e comentários, que intensificam o racismo online e algorítmico, reforçando discursos de supremacia branca

A banalização de discursos pejorativos nas redes e a ausência de regulação das plataformas naturalizam práticas discriminatórias e inibem a reflexão crítica. Os algoritmos digitais, ao amplificarem conteúdos polarizadores, consolidam a oposição entre “nós” e “eles” e dificultam a construção de uma consciência social crítica sobre as dinâmicas de exclusão no ciberespaço (Moscovici, 2011).

## CONCLUSÕES

Embora a sociedade tenha demonstrado avanços e rupturas em relação à sua construção histórico-social, tais mudanças ainda não alcançaram plenamente os mecanismos subjacentes às relações intergrupais. A reconfiguração social, cultural e política promovida pelas tecnologias e pela convergência midiática criou um ambiente em que a impunidade circula livremente, e a consciência social crítica encontra espaço para expressar-se, muitas vezes, de forma anônima, preconceituosa e discriminatória, utilizando-se da viralização retórica da informação.

Torna-se, portanto, necessária uma investigação aprofundada sobre o comportamento dos usuários das redes sociais, assim como promover conteúdos educativos e antidiscriminatórios. De forma articulada, propõe-se o desenvolvimento de ações punitivas e pedagógicas que desestimulem práticas preconceituosas e a reprodução de visões hierarquizadas do mundo, nas quais a cor da pele ou o status social legitimam microagressões e exclusões simbólicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais. Domínios de Linguagem, v. 18, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/XXXX>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- 2- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://share.google/BoBa7TZKW51mQ6API>. Acesso em: 5 nov. 2025.
- 3- MOSCOVICI, S. Psicologia das minorias ativas. Petrópolis, RJ: Vozes. Z. 2011. Acesso em: 6 nov. 2025.
- 4- PAULO, R. B. de et al. Racismo e preconceito nas redes sociais digitais: pesquisa com estudantes do ensino médio. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 30, n. e84256, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/84256>. Acesso em: nov. 2025.
- 5- PEREIRA, C.;TORRES, A. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. Psicologia: Reflexão e Crítica, Goiás, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100010>. Acesso em: 10 nov. 2025.